

Como se Narciso amasse Eco...

A Imagologia segundo Marcello Duarte Mathias

Maria Luísa Malato¹

Resumo: A obra de Marcello Duarte Mathias – e em especial o seu livro mais recente, *O Português visto por (alguns) Portugueses* (2013) – pode com utilidade ser lida à luz da Imagologia, um ramo dos Estudos Comparados que estuda, numa definição mais canónica, o processo de representação de uma comunidade nacional por outra comunidade, ou a visão de uma comunidade nacional por um autor de outra comunidade. Esta definição tem sido progressivamente contestada por uma redefinição dos processos de representação das comunidades (não-nacionais) e por uma atenção redobrada ao binómio Eu-Outro(s). É neste sentido que a Imagologia nos obriga a um exercício onde confluem as reflexões interdisciplinares (sobre a História, a Geografia, a Retórica, a Psicologia, ou a Estética) e a revisitação de alguns géneros autobiográficos (o diário ou as memórias). A obra de Marcello Duarte Mathias exemplifica bem a pertinência destas várias questões.

Palavras Chave: Imagologia, Marcello Duarte Mathias, Géneros autobiográficos, Memória, Identidade.

Abstract: The work of Marcello Duarte Mathias – and in particular his most recent book, *O Português visto por (alguns) Portugueses* (2013) – can be read in the light of Imagology, a branch of Comparative Studies that studies, in a canonical definition, the process of representation of a national community by another community, or the vision of a national community by an author from another community. This definition has been progressively challenged by a redefinition of the processes of representation of non-national communities and by an increased attention to the I-Other(s) binomial. In this sense Imagology requires an interdisciplinary reflection (on History, Geography, Rhetoric, Psychology or Aesthetics), but also a redefinition of (para)literary genres (diaries or memoirs). The work of Marcello Duarte Mathias is a good exercise of these various questions.

Keywords: Imagology, Marcello Duarte Mathias, Autobiographical Genres, Memory, Identity.

Marcello Duarte Zaffiri Mathias é um conhecido autor, de diários e de ensaios, e um novelista/ romancista, que há muito publica sobre o complexo jogo de “imagens nacionais”. Desde logo por natureza hereditária: o seu nome é só por si uma Torre de Babel mediterrânica. Perpassa pelos diários uma “noção de linhagem” (MORÃO, 2006: p. II) que foi aprofundada no livro *Lembrar de Raízes* (1988). Ainda também por educação, formação e profissão. Seguindo a linhagem de seu pai, integrou o corpo diplomático e serviu o Estado português entre 1970 e 2003, em países tão distantes como o Brasil e a Índia, a França e os EUA, o Nepal e a Argentina. Foi embaixador em Brasília, de 1973 a 1977, quando, em Portugal e já no Brasil, se fazia a transição política entre a ditadura e a democracia. Tinha então 30 e tal anos de idade: precedendo “il mezzo del cammin”, esses anos marcam muitas vezes a transição entre a idade em que a identidade se forma e a idade em que a “identidade” se pode já dela

¹ Professora Associada com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Investigadora na Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Universidade do Porto. borralho@letras.up.pt
Este artigo é o desenvolvimento de uma brevíssima recensão sobre a obra de Marcello Duarte Mathias *O Português visto por (alguns) Portugueses* (Lisboa, D. Quixote, 2023), ainda no prelo. Foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020 - <https://doi.org/10.54499/UIDB/00500/2020>).

própria libertar. A escrita (sobretudo a de raiz autobiográfica) regista muitas vezes esta consciência do que é um nome e uma idade. No dia em que fez 40 anos, pouco depois de regressar do Brasil, MDM escreveu: “A partir de agora, herdeiro de mim mesmo” (2010, p. 123).

1. *What's in a name?*

What's in a name? Não é só uma questão de Romeu ou de Julieta, mas sobretudo a trama que os liga a Capuletos e Montecchios. Será que “That which we call a rose/ By any other name would smell as sweet” (II, 2)? Vemos e lemos condicionados pelo lugar da perspectiva. Se todo o indivíduo é fisionomicamente egocêntrico, isto é, se só pode ver um espaço a partir de um espaço em que o seu próprio corpo é o centro, a peregrinação do olhar não pode deixar de treinar o policentrismo da reflexão crítica... Se o ser humano é um animal político, isto é, um ser que se forma a partir de uma comunidade (física, linguística, de fronteiras imaginadas) em que ele se forma e conforma, então a dispersão linguística e política não pode deixar de contestar o seu potencial etnocentrismo... Se todo o diarista é, segundo a definição de MDM, “um exilado”, um “Narciso descrente de si mesmo” (MATHIAS, 2001: pp. 209 e 195), então também a sua escrita tenderá a perder a rigidez identitária na medida em que o exilado nunca possuirá um tempo e um espaço de que se encontra ausente...

2. O género memorialístico

Os diários de MDM não nos devem enganar. Desiluda-se o leitor que neles busca a intimidade sentimental (que se tem por inefável e é hoje tão facilmente dita). Têm a reflexão coletiva das memórias e a amplitude ponderada da autobiografia. Apesar do autor discorrer sobre as subtis distinções teóricas entre os diários (de natureza mais fragmentária), a autobiografia (que procura encontrar unidade na fragmentação) e as memórias (que privilegiam a narração exterior dos factos), todos estes géneros ficam abrangidos, segundo MDM, pelo “género memorialístico” porque é o problema da memória que aflora em todos (cf., MATHIAS, 2001: p. 163 ss.).

É difícil ao leitor saber onde termina o discurso fragmentário e o desejo de unidade, entre o que é a ponderação do instante e o desejo de o ultrapassar. Trata-se sempre de “acontecimentos”, nos sentidos em que os define John David Caputo e os sistematiza e aplica Cícero Bezerra. Com efeito, os “eventos” descritos por MDM nos seus diários são sempre sujeitos a uma “hermenêutica espectral”, que os transforma em “acontecimentos”:

1. O acontecimento não é o que ocorre, mas algo dado no que ocorre;
2. O acontecimento não se deve confundir com a nomeação de um evento;
3. O acontecimento não é uma coisa, mas algo que atua em uma coisa;
4. Tudo no acontecimento pode ser objeto de desconstrução, excepto o próprio acontecimento;
5. O acontecimento interpela o indivíduo a um diálogo, “em que falar e calar são dois aspectos constitutivos de um ato de afecção corporal e anímico sob forma de escrita solitária.” (BEZERRA, 2021, p. 30)

Se aos críticos importa a “comodidade metodológica” que distingue os géneros, ao escritor não interessa a categoria do que deixam escrito. Os diários de MDM são quase sempre compostos por “aforismos”, frases curtas que sintetizam pensamento largo, à semelhança desses eventos que desconstrói como “acontecimentos”. Ou são imagens fugazes de quadros, ou passagens soltas de filmes, ou episódios da vida quotidiana... Núcleos de onde parte depois uma reflexão ensaística, com uma liberdade que honra Montaigne. Não se trata aqui de *studium*, de reflexão disciplinada sobre um assunto. É quase sempre uma questão de *punctum*, uma ponta que nos fere no todo, como um punhal, de forma breve, precisa e fatal (a terminologia de Roland Barthes, usada em *A Câmara Clara*, esclarece bem o valor incisivo do que é quase insignificante): para o Tempo ou a Arte, para Deus ou o Diabo, o que nos mata está no pormenor.

Esse seu *devagar depressa* – que tanto lembra o *festina lente*, o lema dos impressores Aldo da Renascença italiana – é ainda uma obsessão de editor ou de escritor: o cuidado demorado que cada um deles põe nas coisas engolidas pela voragem do tempo, que tanto urge e sempre aqui ruge. O mesmo sucede com o título com que vai agrupando as crónicas e os ensaios: *A Memória dos Outros* (de 2001 reeditada em 2017, com o título *Vozes e Percursos*) e a *Memória dos Outros II* (que em 2018 é sub-título de *Caminhos e Destinos*). Sublinhem-se os sucessivos oxímoros que unem o fixo e o móvel, o determinado e o indeterminado. A “memória dos outros”: curioso oxímoro. Parece até que “os outros” são os verdadeiros sujeitos, que tomam conta da memória de um indivíduo-leitor que se crê sujeito-ativo, sentindo-se efetivamente passivo-sujeito. A sua memória é em grande parte a memória que construiu dos outros, com os outros, para chegar ao sentido inverso: como os outros construíram a sua memória. Marcello Duarte Mathias escreve sobre si como se falasse dos outros, e dos outros como se ainda falasse de si. Sabemos de si pelos livros que leu, pelos quadros dos outros, em que demorou o olhar, pelos filmes que não conseguiu esquecer, em suma, pela conversação com os outros, num museu existente ou imaginário.

Isso nos diz logo a primeira linha do livro *O Português visto por (alguns) Portugueses*: “Sempre quis escrever sobre Portugal” (MATHIAS, 2023: p. 15). O autor lança a frase em bruto, mas vai-a limando nas linhas seguintes, procurando que o rigor continue a incisão: “Ou melhor, sobre os portugueses, o que não é bem a mesma coisa, embora de tão complementares se tornem por vezes indissociáveis” (*ibidem*). O título escolhido pretende não enganar: o livro não é sobre Portugal, mas sobre os portugueses e a ideia que (alguns) têm sobre um singular, “o português”. O “objetivo” do livro é assim apresentado como um jogo de espelhos, filtrado no(s) tempo(s) e no(s) espaço(s), porque só quer abranger o que foi (parcialmente) dito por (alguns) escritores (dos séculos XX e XXI)... Mas logo o jogo de espelhos se torna ainda o retrato do próprio autor, que “sempre quis escrever sobre Portugal”. O Eu escreve aqui através da escrita de outros: “Faço-o agora tardiamente, por interposta pessoa, se assim se pode dizer, recorrendo às muitas notas que sobre o tema fui acumulando ao longo de anos de leituras” (*ibidem*). Autor de memórias e diários, ficcionista com pendor para a crónica literária, diplomata de carreira, e viajante por gosto e obrigação, MDM parece ter escrito já esse livro, ainda que de forma dispersa. Se nunca o escreveu, cumpre com ele uma “Velha ambição que me acompanhou tempos a fio e que acabei por não cumprir” (*Ibid.*). Não cumprir, ou não escrever, parecem ser aqui as formas de ainda ter cumprido e ter escrito.

MDM, ainda que escritor, é um crítico “imagologista”. Mas a imagologia empírica de Marcello Duarte Mathias não é a da vulgata – o olhar estrangeiro sobre uma nação, ou um olhar nacional sobre os estrangeiros. Obviamente ela está presente também, na contraposição dos clichés sobre as outras nações, no olhar do diplomata

ilustrado, ou no conhecimento que tem da *Análise Espectral da Europa*, de Hermann Keyserling (cf. MATHIAS, 2006: p. 125). Mas interessa-lhe mais a imagologia de quem se sente desterrado, ainda que na sua terra, ou sobretudo na sua terra. Talvez seja verdade, ou somente verosímil, que a (sua) escrita nasça de um processo de ausência (não estar, não ter, perder, imaginar, não ser)... MDM recolhe num diarista pouco conhecido, André Blanchard, uma citação que parece explicar a sua escrita: “‘É com aquilo que não tivemos que escrevemos’. [...] Sim. A fonte do que escrevemos nasce do que não fomos” (MATHIAS, 2015, p. 344).

Com efeito, a identidade (individual ou coletiva) torna-se nele um conceito plural e em construção, uma autoficção sem intriga preparada, em tempos e espaços diversos: o “eu” não se define se não estiver em contraponto, com o “nós” em que se integra ou com o “eles”, os outros, o Outro, de que o “eu” se distingue. E basta por vezes assumir uma perspetiva histórica para se fragmentar: o “eu” do momento da escrita, opõe-se desde logo ao “eu” que experienciou o que é (d)escrito depois. O “eu” não é já um outro, esse “Je” que é “un autre”, como foi proclamado por Rimbaud numa *lettre du voyant* a Paul Demeny. Trata-se mais de um “eu” que, pela ação da memória, é os “outros”. Neste domínio, a empírica “imagologia literária” de MDM acompanha o que tem vindo a suceder nos Estudos Comparados, pelo menos desde a segunda metade do século XX, já distante daquela Imagologia que se preocupava com a visão que as nações têm umas das outras:

“a Imagologia Literária começou por atender à representação literária do *outro*, o *estrangeiro*, nas literaturas nacionais. Mais recente, a Imagologia Literária têm alargado o seu âmbito de análise à auto-representação literária da identidade nacional. [...] considerando que um povo se pode olhar a si mesmo como *outro* na memória colectiva que guarda do passado, ou nas imagens forjadas ideologicamente desse passado visto à distância. Na verdade, como disse Leslie Poles Hartley, em *The Go-Between*, «The past is a foreign country: they do things differently there»” (CAMPINHO: 2019).

É como se Narciso tivesse descoberto que amava Eco como a si mesmo, no preciso momento em que mergulha nas águas apaixonado por si. Ele, que tinha desprezado a atenção de Eco, descobriria então que não ama senão o seu reflexo, a indefinição e a imperfeição dos seus traços: “Amar é viajar ao encontro de nós mesmos” (MATHIAS, 2010, p. 98). O leitor tem de entender isto, o paradoxo e a verdade disto, para aceitar este pacto de leitura. Esse leitor, se conhecer outros livros de MDM, reencontra nesta coleção de aforismos sobre o que é ser português, um pacto amoroso a que está habituado. O que interessa sempre a MDM é a liberdade, a viagem “à bolina” entre os temas e a viagem em si, caminho para si que vai dar aos outros. Maria João Simões sublinhou já bem esta inflexão da Imagologia, que indefine os territórios em confronto:

“A Imagologia interroga-se sobre a “imagem” do “outro”, pensa a estranheza e o estrangeiro e, por isso mesmo, levanta a questão da “imagem” enquanto construto histórico. A Imagologia entranha-se no território problemático da “representação”, contrapõe alteridades e identidades e, por isso mesmo, interpela-nos a ler nos interstícios das imagens. Ela confronta o nosso enquadramento geográfico, enraizado e territorializado, com a nossa pertença comunicativamente globalizante

através do atrito do invisível e do visível plasmados na Literatura.”
(SIMÕES, 2011, p. 10)

Livros como o *Diário da Índia* (1993-1997) leem Portugal sob um espectro difuso, o das “Índias”, que, na língua portuguesa em Portugal, quase nunca remete para solo americano, como sucede no espanhol, mas para um vasto território oriental, mais litoral que imperial, mais simbólico que literal, que une dor e aventura. Os amigos pedem-lhe que escreva; que mais pode haver para escrever? Talvez por isso o *Diário da Índia* tenha pouca Índia. O tema da imagem nacional não define, oscila entre a observação pessoal e a interrogação... Se dois tópicos houvera na sua obra, um era a liberdade, e outro, por estranho que pareça, o tópico da fidelidade. Ficar, partindo. Partir, ficando. *Festina lente*, uma âncora e um golfinho: apressa-te vagarosamente.

3. Reflexões e reflexos

Significativamente, o volume seguinte, o *Diário de Paris (2001-2003)*, começa com uma observação sobre um seminário diplomático no Centro Cultural de Belém: *A imagem de Portugal* (MATHIAS, 2006: p. 13). Mas logo o título do seminário se transforma com um ponto de admiração (“A imagem de Portugal!”) e, na página seguinte, em duas interrogações: “A imagem de Portugal? Boa pergunta, quantas respostas?” (*Ibid*: 14). Os autores do século XX e XXI que encontramos em *O Português visto por (alguns) Portugueses* são, em grande parte, os que MDM frequenta: Alçada Baptista, Almada, Ruy Belo, Agustina Bessa-Luís, Raul Brandão, Cardoso Pires, Couto Viana, Vergílio Ferreira, Eduardo Lourenço, Oliveira Martins, Moura e Sá, Pessoa, Ruben A., Pascoaes, Torga, Varela Gomes... Quase todos são viajantes, como MDM, porque um país se vê melhor à distância, qualquer “país”, qualquer “pais-agem”. Vitorino Nemésio é o “andarilho”, Ruben A, anda “à procura do mundo”, Camus é como um irmão “peregrino”, “Delvaux é um “navegante da noite”... Deles MDM não se distingue e diz de si: “No fundo, fui toda a vida um *flâneur* – sorte a minha!” (MATHIAS, 2015: p. 399).

A recolha de citações alheias dos viajantes faz parte da prática quotidiana da Leitura (dos livros ou de outras formas de encontro). Em quase todas as obras de Marcello Duarte Mathias (MDM), a citação é um pretexto para pensar de uma forma aforística uma situação ou um conceito. O autor revê-se na afirmação de Simon Leys, autor de *As Ideias dos Outros, indiossincriticamente compiladas* pelo próprio: “Junta todas as páginas que foste transcrevendo ao longo das tuas leituras e, embora não haja uma única linha da tua autoria, o cômputo geral poderá vir a desenhar o retrato mais exacto da tua pessoa e do teu espírito” (*apud* MATHIAS, 2015: p. 353).

A recolha é um elemento catalisador: serve para acelerar processos de reflexão, desde logo sobre a Identidade. A “identidade individual”, porque se assume aqui – uma vez mais, e como na ficção, nas crónicas, ensaios, *Diários* ou *Memórias* – que um leitor se define também por aquilo que recolhe em outros autores, “apenas movido pela curiosidade de melhor entender o que me interessa e apaixona” (MATHIAS, 2023: p. 15). E a “identidade coletiva” porque o assunto é, quase sempre, a identidade comunitária. Nunca nele se separam a imagem que a comunidade projeta no indivíduo e a que o indivíduo projeta na comunidade: imperfeitas ambas, isto é, nunca acabadas. Num livro tão específico como *O Português visto por (alguns) Portugueses* tudo nos recorda que um povo (quando se identifica por um nome e um valor) é sobretudo a digestão das ideias que a sua memória individual e coletiva vai

engolindo: um conjunto inacabado de vivências históricas, uma imaginação individual e um pensamento mítico que, como o pólen, se vai colhendo, partindo e misturando.

4. *Apud Mathias: A abelha e a aranha*

Francis Bacon, num conhecido Aforismo do *Novum Organum* (I, XCV), tentou estabelecer uma estratégia indutiva de superação entre o dogmatismo racionalista e o dogmatismo empirista. O empirista seria, à maneira da Formiga, um leitor do mundo que acumula os dados de que depois se alimenta. Ao invés, o racionalista extrairia do seu corpo, à maneira da Aranha, a substância da teia que lhe permite reter o alimento. Ao contrário da Formiga ou da Aranha, a Abelha seria um coletor que reconvertia o coletável. O seu alimento não viria diretamente dos outros mas da sua digestão (cf. BACON, 2003, p. 51-2).

A própria etimologia da palavra “antologia” (recolha de flores), assumida pelo editor como critério pessoalíssimo de “gênero” histórico em que se enquadra o livro – lembra por associação semântica essa Abelha de Bacon, que reforça a impossibilidade de mundos estanques: Eu vs. Tu, Nós vs. Eles, Razão e Realidade, Teoria e Prática. Em MDM, procura-se também, ainda que fora do domínio da Ciência objetiva, esse equilíbrio produtivo entre a acumulação e a criação, entre o coletivo/ coletável e o pessoal/ coletor. São pessoais a escolha dos autores e os recortes feitos das suas leituras, a restrição das citações aos autores que escreveram nos séculos XX e XXI, a opção de escapar ao trabalho académico ou de equipa, o diálogo com alguns textos dos *Diários* ou da *Memória dos Outros*. Mas são marcas de neutralidade a organização por ordem alfabética dos autores citados, a preferência pela máxima e pelo aforismo, mais próximos do discurso abstrato. Não se visa chegar a uma conclusão precisa, mas recordar um caminho já feito antes por outros, decifrar, entender, ponderar opiniões diversas, sentimentos diversos que moldam estilos literários opostos, que vão da exaltação à melancolia, da ironia à autocrítica, do misticismo ao sarcasmo, da epopeia à paródia.

MDM gosta particularmente de imaginar encontros improváveis. Se a antologia sobre Portugal recusa a ordem cronológica, é talvez porque a ordem alfabética perpetua o gosto do organizador pelos jogos de acaso, como aqueles em que lia o encontro em Capri entre Gorki e Lenine, ou a ida de George Steiner a Reiquiavique para seguir um simbólico torneio de xadrez entre Fischer e Spassky, em plena guerra fria, ou ainda a referência dissimulada a Hildegarde Knef num ensaio sobre um desenho de Khnopff, associação só descoberta por David Mourão-Ferreira (MATHIAS, 2006: p. 124). Os leitores de MDM habituados a este *clin d’oeil* não podem deixar de achar iluminadores os súbitos cruzamentos entre Miguel Torga e Eduardo Lourenço, ou os de Vergílio Ferreira e Raul Brandão. Os que não estão habituados a estes cruzamentos talvez os achem até mais surpreendentes e significativos. No limite, o que interessa (a MDM e ao seu leitor-modelo) é não viver indiferente ao que os Portugueses dizem ser e querem ser. Tudo oscila, na obra de MDM e, em cada citação recolhida pela abelha, Portugal é isto e o contrário disto, mas nem só isto ou só aquilo. A construção é já uma desconstrução.

Em sentido inverso, esta Eco que ama Narciso, só aparentemente repete: leitor lê o *patchwork* de citações (colhidas nos “outros”) como se ainda fosse um retrato do próprio, mas espera-o um diálogo invisível, e é ele a unir as pontas soltas.

Isto: “Pois é. O português é assim. Escabuja, agita-se até ao paroxismo”. Aquilo: “Para logo depois, acalmado e feliz, aceitar tudo”. Nem isto, nem aquilo: “Por pouco não somos místicos. Por pouco também não somos ‘conquistadores’ de continentes. Ficámos sempre a meio caminho entre o ter e o ser” (Fernando Aires

apud MATHIAS, 2023: p. 65). Declinamos um poema de Mário de Sá-Carneiro, esse “pobre Mário de Sá-Carneiro, que os portugueses suicidaram em Paris” (Alçada Baptista *apud* MATHIAS, 2023: p. 69)...

A identidade perde-se sempre em adversativas: “*Mas* eu gosto disto, gosto deste país, perdidamente” (Alçada Baptista *apud* MATHIAS, 2023: p. 69); “Povo místico, *mas* pouco metafísico; povo lírico, *mas* pouco gregário; povo activo *mas* pouco organizado; povo empírico *mas* pouco pragmático” (Manuel Antunes *apud* MATHIAS, 2023: p. 81); “Será a duplicidade uma característica do nosso modo de ser?” (João Chagas *apud* MATHIAS, 2023: p. 115).

No limite, o Português é uma negação, nada se lhe aplica: – “Foi então que percebi: não, eu não sou portuguesa, sou celta” (Maria Filomena Mónica *apud* MATHIAS, 2023: p. 190).

Em Portugal, a metáfora da “ilha” é também um oxímoro: serve simultaneamente a ideia de partida e a de prisão. Há a ilha voltada para fora e a mesma ilha voltada para dentro.

Podemos pensar: “Estou numa ilha. Portugal, ilha ocidental da Cristandade – de costas voltadas para a Europa. Sei o que digo – eu que nasci junto às ondas da barra” (Fernando Aires *apud* MATHIAS, 2023: p. 65); “Há qualquer coisa de estático” (Jorge Dias *apud* MATHIAS, 2023: p. 137); “Não será Portugal também uma ilha atlântica que vai à Europa mas não *está* nela?” (Miguel Esteves Cardoso *apud* MATHIAS, 2023: p. 143); “Em Portugal, nada acontece, quer dizer, nada se inscreve” (José Gil *apud* MATHIAS, 2023: p. 161)...

Mas podemos dizer também coisas que parecem o oposto daquilo que dissemos: “Expertencemos à Europa (Fernando Pessoa *apud* MATHIAS, 2023: p. 202); “Navegámos muito nos séculos passados, viajámos no outrora, agora dormimos” (Ruben A. *apud* MATHIAS, 2023: pp. 223-4); “Descobrimos o mundo, *mas* vivemos no beco” (António José Saraiva *apud* MATHIAS, 2023: p. 227); “Vivemos ao deus dará, conforme o lado de que o vento sopra” (Saramago *apud* MATHIAS, 2023: p. 235). Itálicos nossos.

Nessa ilha de duas faces tanto serve a utopia (uma imaginação do lugar) como a distopia (o não-lugar): “o meu país é o que o mar não quer” (Ruy Belo *apud* MATHIAS, 2023: p. 92); “O estado que melhor convém ao português é o da revolução passiva” (Agustina Bessa-Luís *apud* MATHIAS, 2023: p. 97); “Isto não é pátria – é o lugar de exílio” (João Bigotte-Chorão *apud* MATHIAS, 2023: p. 99); “Andamos sempre com Portugal às costas. Pesa-nos e não nos deixa sair dele” (Miguel Esteves Cardoso *apud* MATHIAS, 2023: 140); “Vivi sempre exilado no meu país” (Vergílio Ferreira *apud* MATHIAS, 2023: p. 149); “O exílio, que está em nós, antes de, um dia, estarmos nós nele” (Eugénio Lisboa *apud* MATHIAS, 2023: 171); “Somos periféricos, geograficamente periféricos, historicamente periféricos” (Pulido Valente *apud* MATHIAS, 2023: 205); Português no Brasil, brasileiro em Portugal, o emigrante fica sem pátria, tendo duas” (Miguel Torga *apud* MATHIAS, 2023: p. 271)...

A questão da raça é um problema que não é problema: Portugal podia orgulhar-se de ser um saudável rafeiro alentejano. A mestiçagem pode fazer-lhe ver o mundo sem determinação e certezas: “Tem pele de árabe, dizem. [...] Em matéria de argúcias será judeu, porém não tenaz: paciente apenas. Nos engenhos da fome, oriental” (Cardoso Pires *apud* MATHIAS, 2023: p. 113). A promiscuidade é uma doença que nos pode salvar de outras: “Somos uma raça infecta” (António Feijó *apud* MATHIAS, 2023: p. 145); “Entre PALOPS e PEDIPS, os lusíadas andam baralhados sem saberem ao certo se são os pretos dos brancos ou os brancos dos pretos” (José

Cutileiro *apud* MATHIAS, 2023: p. 131); “A mistura fascinante de fanfarronice e humildade, de imprevidência moura e confiança sebastianista, de ‘inconstância alegre’ e negro presságio que constitui o fundo do carácter português” (Eduardo Lourenço *apud* MATHIAS, p. 174); “O bom português é várias pessoas” (Fernando Pessoa *apud* MATHIAS, 2023: p. 203); “Não há genes portugueses” (afirma cientificamente Sobrinho Simões *apud* MATHIAS, 2023: p. 245)...

A experiência de ser português transforma-se assim num estado de cisma que nunca se resolve intelectualmente: “questão que tenho comigo mesmo” (O’Neill *apud* MATHIAS, 2023: p. 19, citado só na introdução); “Tenho uma dor chamada Portugal” (Ruy Belo *apud* MATHIAS, 2023: p. 91); “povo de iletrados e esquecidos” (Júlio Dantas *apud* MATHIAS, 2023: p. 135); “Somos um país de analfabetos. Destes alguns não sabem ler” (Vergílio Ferreira *apud* MATHIAS, 2023: p. 151); “um cismador deserto, voltado para o mar. É um pouco assim o nosso irmão português. Somos assim, bem o sabemos. Assim, como?” (Cardoso Pires *apud* MATHIAS, 2023: p. 114); “Sofro de uma doença ingênita, hereditária, crónica, incurável, que se chama Portugal” (José Rodrigues Miguéis *apud* MATHIAS, 2023: p. 221)...

E Portugal relembra-se como paradoxo, “dos mais espantosos casos de independência nacional que a história regista” (Cunha Leão *apud* MATHIAS, 2023: p. 129); o único país do continente europeu que faz fronteira com um único país, 3 ou 4 vezes maior (Franco Nogueira *apud* MATHIAS, 2023: p. 155), nação criada entre o mar e um muro, que é Espanha”, “breve planície, entre o mar e a montanha (Vergílio Ferreira *apud* MATHIAS, 2023: p. 151-2); de um povo errante passa depressa a “um povo errado” (Miguel Torga *apud* MATHIAS, 2023: p. 273), um país estranhamente independente, que resiste como outra aldeia gaulesa, a um vizinho mais poderoso (caldeirão de barro ao pé de caldeirão de ferro), povo cristalizado na fórmula atribuída a Júlio César ou a Galba, Governador da Hispânia: gente que “não se governa nem se deixa governar”...

Os textos recolhidos são, por vontade explícita do coletor, os do século XX e XXI: não refletem os tempos de glória dos Descobrimentos, da Colonização ou do Império, mas esta escolha acentua a importância de sobre eles refletir, passo a passo. A contestação baculina do Mapa Cor-de-Rosa foi o ruir de um sonho há muito desfeito, *mas* semeou as esperanças da 1.^a República e justificou os custos da participação na Primeira Guerra Mundial. O prolongamento do chamado Estado Novo, conseguiu uma ardilosa manutenção da neutralidade na Segunda Guerra Mundial, *mas* não pode evitar uma perda simbólica, talvez mais dolorosa que a territorial: a de o país não conseguir manter a Índia, símbolo paronomásico das “Índias” que genericamente são ainda a metonímia de toda a viagem: “toda a viagem é viagem à Índia” (Eduardo Lourenço *apud* Mathias, 2017: p. 100). As fronteiras de Portugal a partir de 1974-1975 foram um regresso aos conhecidos limites no início do século XV, *mas* esse “regresso” obrigou os intelectuais portugueses a pensar o labirinto da saudade em que se tinham metido. Fez esquecer antigas tensões, *mas* não apagou as tensões que a adesão à União Europeia intensificou: os clichés entre aquilo a que chamamos “norte” e aquilo a que chamamos “sul”, aquilo a que chamamos “Europa” e aquilo a que chamamos “margens”. Nas metáforas do “rosto” ou da “cauda”, perpetua-se uma interrogação identitária, uma definição por indefinição. Portugal é, geograficamente um país de esquina, atlântico e pouco mediterrânico, que ainda se revê numa “jangada de pedra” que se desloca no mar. A antologia de MDM regressa amiúde a um país de fronteiras simbólicas estáveis, que vive narrativas híbridas, epopeias em que a lírica e a tragédia ora estão a mais ora estão a menos: “sem remorsos”, “sem tragédia” (MATHIAS, 2023: p. 224), “sem complexo de castração” (2023: 265), nem o entusiasmo pela ideia, nem o desprezo pelo mundo (*Ibid*: 261), declinando um poema de Sá-Carneiro – quase universalista, quase místico, quase, quase...

A minha vida é um rio que não encontra o mar” (Brasília, 11 de janeiro de 1974)

Se não se quiser pensar na loucura que é mandar a História voltar atrás, ou de pedir em vão desculpa por ela, pode-se ler agora, pelo menos com maior atenção, uma obra como *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, aquele pendor quase pícaro, “quase”, pois nunca o chegou a ser... Perceber que a maior parte dos versos dos *Lusíadas* são de ritmo sáfico, e não tipicamente heroico, formam simultaneamente uma ode e um requiem, como bem ouviu Eduardo Lourenço, filósofo fundador da imagiologia contemporânea (CAMPINHO, 2018, p. 45). De que violência se fala quando se fala da Ilha dos Amores? O que são os filhos de Luso, deus enigmático do impulso? Quem são os portugueses, os brasileiros, os europeus, os americanos, se alguma coisa são quando não sabem quantas coisas podem ser? Quem são eles? De quem falamos quando falamos de “nós”? Como sabê-lo se escolhermos todos viver sob a apologia da amnésia (Mathias, 2006: p. 337)?

Em Março de 2001, ao saber da destruição das estátuas budistas de Bamiyan pelas tropas Talibã, MDM identifica com precoce ironia o que nos une aos destruidores de memória: “nós, Talibãs, recusamos tudo o que não seja conforme ao nosso modo de pensar e sentir” (MATHIAS, 2006: p. 31-2)... Quem é este “nós”? Que amplitude tem? Quem exclui?

Agustina Bessa-Luís, no seu livro *Embaixada a Calígula*, definia a viagem como “a intimidade do importuno”, a sensação do viajante ao entrar “num país que até aí lhe era oculto e que era destituído de tudo que não fosse simples geografia” (s. d.: 9-10). Que os livros de MDM acabem por ser esse incómodo que cada leitor pode talvez, talvez, percorrer, como viajante: rotas alheias, caminhos nunca firmados que antes lhe pareciam somente estranhos ou comuns. A vida desses viajantes será então como “um rio que não encontra o mar” (MATHIAS, 2010, p. 52). Talvez por isso o autor recolha nesta sua antologia uma citação de Saramago que não diz respeito ao tema: “A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam” (Saramago *apud* Mathias 2023: 236).

Referências bibliográficas

- BACON, Francis. **Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza**. Trad. J. A. Reis de Andrade. VirtualBooks, 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4344026/mod_folder/content/0/francis_bacon_novum_organum.pdf (acesso em 08/02/2024).
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 2018.
- BESSA LUÍS, Agustina. **Embaixada a Calígula**. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d..
- BEZERRA, Cícero Cunha. **Clarice Lispector: Quando Deus Acontece**, Rio de Janeiro, Viaverita Editora, 2021. Com Apresentação de Nãdia Batella Gotlib e Prefácio de Maria Lúcia Dal Farra.

CAMPINHO, José Maria Cibrão. Imagologia Literária. **E-Dicionário de Termos Literários**, org. Carlos Ceia. Publicado em Jul 23, 2019. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/imagologia-literaria> (acesso: 08/02/2024).

_____. **Imagologia literária e Identidade Nacional em Eduardo Lourenço, Almeida Garrett e Eça de Queirós**. Tese de Doutoramento em Estudos Portugueses, apresentada à Universidade Aberta, 2018. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7249/2/TD_JoseCampinho.pdf (acesso em 08/02/2024).

MATHIAS, Marcello Duarte. **A Memória dos Outros**. Lisboa: Gótica, 2001.

_____. **Diário da Índia (1993-1997)**, Lisboa, Gótica, 2004.

_____. **Diário de Paris (2001-2003)**. Porto, Edições Asa, 2006.

_____. **Os Dias e os Anos. Diário (1970-1993)**. Lisboa, D. Quixote, 2010.

_____. **Diário da Abuxarda (2007-2014)**. Lisboa, D. Quixote, 2015.

_____. **Caminhos e Destinos. A Memória dos Outros II**. Lisboa: D. Quixote, 2017.

_____. **O Português visto por (alguns) Portugueses. Autores dos séculos XX e XXI: testemunhos, reflexões, apontamentos vários**. Introdução, notas, selecção dos autores e respectivos textos por [...], Lisboa: Dom Quixote, 2023.

MORÃO, Paula. Prefácio a **Diário de Paris (2001-2003)**, de Marcello Duarte Mathias. Porto, Edições Asa, 2006, pp. I- IX.

SIMÕES, Maria João. Cruzamentos teóricos da imagologia literária: imagotipos e imaginários. In **Imagotipos literários: processos de (des)configuração na imagologia literária**. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, [2011]. ISBN 978-972-9126-25-3. pág. 9-53. Disponível na WWW em: <<http://hdl.handle.net/10316/28919>>.

Recebido para publicação em 12-01-24; aceito em 11-02-24